



A EVASÃO ROMÂNTICA EM VIAGENS NA MINHA TERRA DE ALMEIDA GARRETT

SILVA, Reginaldo Lima¹

CABRAL, Maria Wellitania de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a evasão romântica (metaficção) *Viagem na minha terra*, de Almeida Garrett, publicada em 1846, cujo foco narrativo consiste em uma viagem realizada por Garrett, em 1843, entre Lisboa e Santarém, a convite do político Passos Manuel. Através de pesquisa exploratória são destacadas questões relativas ao contexto histórico / literário identificando, no romance, valores implícitos e pressupostos da época em que foi produzido, enfatizando as características românticas que norteiam o trabalho e os objetivos e intenções do autor ao empregá-los.

¹ Acadêmico do Curso de Letras do Centro Universitário UnirG.

² Doutoranda em Língua e Cultura pela UTAD – Universidade Trás os Montes, Portugal. Professora Mestra em Teoria e Crítica Literária, ministra aulas de Teoria Literária e Literatura Portuguesa no Centro Universitário UnirG, Gurupi – Tocantins – Brasil.

Palavras-chave: Romantismo. Evasão. Características românticas.

THE ROMANTIC EVASION IN *TRAVEL ON MY LAND* OF ALMEIDA GARRETT

ABSTRACT

This work aims to analyze the romantic evasion (metafiction) *Travel on my land*, of Almeida Garrett, published in 1846, whose focus narrative consists of a trip carried out by Garrett, in 1843, between Lisbon and Santarém, the invitation the political Passos Manuel. Through exploratory research are highlighted issues regarding the historical context / literary identifying, in the novel, implicit values and assumptions of the time it was produced, emphasizing the romantic characteristics that guide the work and the goals and author's intentions to employ them.

Keywords: Romanticism. Evasion. Romantic Characteristics.

ROMANTISMO

No início do século XVIII, a Era Clássica entra em crise, dando origem, na Europa, ao movimento romântico cujas primeiras sementes dão-se na Inglaterra e na Alemanha, cabendo à França, posteriormente, o papel de coordenador, divulgador e amplificador do movimento.

[...] a Inglaterra exporta para a Escócia os produtos do Classicismo francês, em tudo contrário à literatura popular escocesa que existira até os fins do século XVI e que agora se reduzia à transmissão oral. Tudo, razões políticas e literárias, convidava a uma rebelião que visasse a instaurar o prestígio dessas velhas lendas e canções que corriam na voz do povo [...]. (MOISÉS, 1960, p. 113).

O primeiro escritor escocês a rebelar-se contra a poesia clássica foi Allan Ramsay (1686 – 1758) quando, em 1724, publica uma antologia de velhos poemas escoceses, sob o título de *The Evergreen*, seguida de outra coletânea, *The Teatable Miscellany* (1724- 1727), e também da coletânea de velhas canções, com base no sentimento da natureza, *The Gentle Shepherd*, publicada em 1725. Cabe salientar que daí por diante surgem numerosos escritores escoceses e ingleses, tangidos pela Escola do Sentimento contra a Escola da Razão.

É cabível ressaltar que o romantismo abarca não raro tendências contraditórias ou contrastantes, constituindo-se uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida e do pensamento, implica uma profunda metamorfose, uma verdadeira revolução histórico-cultural. O movimento esteve associado ao desenvolvimento da imprensa e à afirmação social de um novo público-leitor: o burguês.

Os românticos revoltam-se contra as regras, os modelos, as normas, batem-se pela total liberdade na criação artística e defendem a mistura e a *impureza* dos gêneros literários. Substituem a visão que os clássicos tinham por uma visão centrada no *eu* interior de cada um.

[...] os românticos voltam-se para si, na sondagem do mundo interior, onde vegetam sentimentos vagos. Mais ainda: os sentimentos, já de si contraditórios, levam ao desequilíbrio, ao paradoxo, à anarquia. Instável, complexo, rebelde, jogado por sentimentos opostos, numa irrefreável mobilidade, o romântico cultiva atitudes feminóides e adolescentes: o Romantismo é uma estética de adolescentes, expressando sentimentos femininamente adolescentes, ou vice-versa. (MOISÉS, 1960, p.117).

Três são as configurações assumidas pela estética romântica: a primeira, em que ainda permanecem

atuantes alguns valores neoclássicos, é representada por Garret, Herculano e Castilho, e transcorre mais ou menos entre 1825 e 1838, “Em resumo: românticos em espírito, ideal e ação política e literária, mas ainda clássicos em muitos aspectos da obra que legaram.” (MOISÉS, 1960, p. 128); a segunda, em que se aglutina o chamado Ultra-Romantismo, é representada especialmente por Soares de Passos e Camilo Castelo Branco, e vigora entre 1838 e 1860, é marcada por uma postura de exagero sentimental que a torna inconfundível; a terceira, em que se opera a transição para o Realismo, é representada por João de Deus e Júlio Dinis, e ocupa a década de 60, desaparecem os traços mais exagerados da segunda geração, e podem-se identificar alguns indícios de maior aproximação da realidade.

ALMEIDA GARRETT E A ESTÉTICA ROMÂNTICA

João Batista Leitão de Almeida Garret nasceu na cidade do Porto, em 1799. Dramaturgo e estadista foi o marco inicial do romantismo português, com o poema *Camões* (1825). Este poema é dividido em dez cantos e escrito em decassílabos brancos (não rimados), é uma espécie

de biografia romântica de Camões, destacando seus amores com Natércia. Em 1826 Garrett publica um segundo poema, também de inspiração romântica, *Dona Branca*, cuja principal novidade consistirá em desenvolver um tema medieval e utilizar o folclore nacional em lugar da mitologia clássica. A maturidade poética de Garrett como autor romântico chega somente em seu último livro de poema *Folhas caídas*. No momento de produção dessa obra, sua paixão por uma mulher casada causa escândalo na sociedade e dá origem a versos de tom confessional que impulsionam o romantismo intimista na obra do poeta. A prosa de ficção é representada por três romances: *O arco de Sant’ Ana*, *Viagens da minha terra* (o mais conhecido e considerado o mais bem acabado) e *Helena*. Destes, o romance *Viagem na minha terra* é o objeto de análise deste artigo. Ainda cabe salientar que o romantismo de Garrett consistia antes num hábito ou adesão às modas do que numa tendência profunda de temperamento: no mais íntimo de sua visão de mundo seria um homem clássico, e muito moderado e frio para ser medularmente romântico.

VIAGENS NA MINHA TERRA

A obra foi construída a partir da observação e da vivência da realidade atual. Ela se despe da vestimenta pesadona e afetada que sufocava a poesia e a prosa, praticadas até então.

A obra é mista de jornalismo, literatura de viagens, diário íntimo e prosa de ficção. Publicada em 1846, seu fio narrativo compõe-se de uma viagem levada a efeito por Garrett, em 1843, entre Lisboa e Santarém, a convite do político Passos Manuel. Repartida em 49 capítulos, como que escritos ao sabor da viagem, a obra relata as peripécias ocorridas entre aquelas duas cidades e as reflexões que elas desencadeiam na mente do viajante, acerca dos mais variados assuntos, desde o amor até a política. Ao chegar a Santarém, o narrador toma conhecimento da história amorosa de Joaquina dos olhos verdes, a “menina dos rouxinóis”, e de seu primo Carlos: ambos se apaixonam, mas ele julga-se preso ao sentimento de Georgina, que ficara na Inglaterra; por fim, desfeito o impasse, Georgina entra para o convento e Joaquina morre, enquanto Carlos, recomposto do transe, retoma sua trajetória de dândi e homem público. (MOISÉS, 2006, p. 261)

Um teor esportivo, jornalístico, de naturalidade e espontaneidade coloquial, substitui o empertigamento e a preconceção estilística tradicional. Nesse sentido, pode-se afirmar que é uma prosa liberal, desataviada, composta pela imaginação e pela idealização.

O mais significativo da obra reside no idílio entre a campônia e ingênua Joaquina e o inglesado e

conflitivo Carlos. Nele, percebe-se a projeção confessional da própria vida interior de Garrett. Em Joaquina e no cenário natural que serve de palco aos acontecimentos, circula o ar de melancólico saudosismo. Nesse sopro de pureza e inocência, de aliada fantasia a envolver a história duma jovem que perece de amor, pois ama um homem tolhido noutras malhas sentimentais.

Quanto ao enredo, Saraiva (1999, p. 105) cita:

Há em todo este enredo um claro simbolismo político e social: o emigrado é filho do Frade (e o chefe da revolta do Porto é filho do bispo), como o Portugal revolucionário é filho do Portugal clerical; e só por acidente aquele não assassina o pai, como o novo Portugal assassinaria o Portugal antigo. O emigrado, tendo comprometido o coração em Inglaterra, não pode mais usar dele em paz de consciência na sua terra de infância: outros amores, outra civilização, lhe floraram a primitiva inocência. E, enfim, a política, associada à negociata bancária, não é mais do que um jogo de homens afetivamente frustrados, jogo que os antigos emigrados, sem ilusões, preenchem o vácuo que ficou dos entusiasmos desfeitos. Dentro dessas situações dramáticas, Garrett inseriu ainda um conteúdo psicológico originalíssimo. O herói do romance, Carlos, é um ser instável, mas que luta com a própria instabilidade, procura deter a constante mutação, o seu eu, apalpar a própria consciência. As contradições não existem só nas oposições das personagens umas às outras, mas dentro do sujeito, que, afinal, não é mais do que um equilíbrio sempre cambiante de instantes fluidos.

A perspectiva seguida por Garrett é popular: denuncia a oligarquia portuguesa (os “barões” e os “frades”), como se pode observar neste fragmento que registra o sonho do narrador-personagem desse livro:

[...] mas eu sonhei com o frade, com a velha – e com uma enorme constelação de barões que luziam num céu de papel, donde choviam, como farrapos de neve, numa noite polar, notas azuis, verdes, brancas, amarelas, de todas as cores e matizes possíveis. Eram milhões... Nunca vi tanto milhão, nem ouvi falar de tanta riqueza senão nas mil e uma noites. Acordei no outro dia e não vi nada... só uns pobres que me pediam esmola à porta. Meti a mão na algibeira, e não achei senão notas... papéis! (GARRETT, 1992, p. 211).

A EVASÃO ROMÂNTICA

A livre expressão de sentimentos conferiu aos românticos a alcunha de sentimentalistas e individualistas, associando-os à manifestação de uma imaginação intensa, permeada pela atividade sonhadora.

Em uma sociedade dominada pela filosofia iluminista de valorização dos processos racionais e das posturas coletivas, é evidente o deslocamento do autor romântico. De certa forma, ele realmente não é compreendido pela sociedade em que vive, porque os valores que defende diferem muito daqueles a partir dos

quais ela se organiza, ou seja, revela na sua maior parte revolta contra a sociedade, horror à realidade, desejo de fuga através ou da imaginação ou do isolamento, refugiando-se o autor dentro de sua própria sensibilidade. Artisticamente, essa incompatibilidade originará um dos temas mais frequentes da literatura romântica: a fuga da realidade.

[...] Debatendo-se entre a amante inglesa e a amada de Santarém, exasperado pelo ódio ao frade, a que atribui as desgraças da família, surpreendido de se saber filho deste no próprio momento em que o vai matar, o soldado liberal resolve, por fim, não podendo sofrer mais a fadiga destas lutas íntimas, afogá-las na vida política e na agiotagem, concebidas como evasão e jogo.” (SARAIVA, 1999, p. 103).

Curiosamente, ao lado dessa tendência à evasão, denota-se o gosto pelas descrições minuciosas da realidade. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a fuga da realidade é um dos elementos presentes no romance analisado. Observe os seguintes fragmentos do romance:

Formou Deus o homem, e o pôs num paraíso de delícias; tornou a formá-lo a sociedade, e o pôs num inferno de tolices. O homem – não o homem que Deus fez, mas o homem que a sociedade tem contrafeito, apertando e forçando seus moldes de ferro aquela pasta de limo que no paraíso terreal se

afeiçoara à imagem da divindade – o homem assim aleijado como nós o conhecemos, é o animal mais absurdo, o mais disparado e incongruente que habita na terra. Rei nascido de todo o criado, perdeu a realeza; príncipe deserdado e proscrito, hoje vaga foragido no meio de seus antigos estados, altivo ainda e soberbo com as recordações do passado, baixo, vil e miserável pela desgraça do presente. (GARRETT, 1992, p. 117).

Com os olhos vagando por este quadro imenso e formosíssimo, a imaginação tomava-me asas e fugia pelo vago infinito das regiões ideais. Recordações de todos os tempos, pensamentos de todo o gênero me afluíam ao espírito, e me tinham como num sonho em que as imagens mais discordantes e disparadas se sucedem uma às outras. Mas eram todas melancólicas, todas de saudade, nenhuma de esperança!... (GARRETT, 1992, p. 136).

O escapismo romântico na direção da Natureza corresponde ao anseio de encontrar nela uma confidente passiva e fiel, e um consolo nas horas amargas: deixando de ser de fundo, como era concebida entre os clássicos, a Natureza torna-se individualizada, personificada, um reflexo do “eu”, alterando-se de conformidade com as mudanças nele operadas, se triste o romântico, constitui “um estado da alma”.

Este sonhar acordado, este cismar poético diante dos sublimes espetáculos da natureza, é dos prazeres grandes que Deus concedeu às almas de certa têmpera. Doce é gozar assim... mas em que doçuras da vida não predomina sempre o ácido poderoso que estimula! Tirai-lho, fica a

insipidez; deixai-lho, ulcera por fim os órgãos: o gozo é mais vivo, porque a ação do estímulo é mais sentida... mas a ulceração cresce, o coração está em carne viva... agora o prazer é martírio. (GARRETT, 1992, p. 138).

Viajar, conhecer terras e povos estranhos, paisagens exóticas, ruínas, restos de velhas civilizações, monumentos de povos desaparecidos, torna-se uma forma de escapismo.

RELIGIOSIDADE

Como uma reação ao Racionalismo materialista dos clássicos, a vida espiritual e a crença em Deus são enfocadas como pontos de apoio ou válvulas de escape diante das frustrações do mundo real.

-Padre, padre! e quem assassinou meu pai, quem cegou minha avó, e quem cobriu de infâmia a minha... a toda a minha família? – Tens razão, Carlos, fui eu; eu fiz tudo isso: mata-me. Mas oh! Mata-me, mata-me por tuas mãos, e não me maldigas. Mata-me, mata-me. É decreto da divina justiça que seja assim. Oh! Assim, meu Deus! às mãos dele, Senhor! Seja, e a vossa vontade se faça... O frade caiu de bruços no chão, e com as mãos postas e estendidas para o mancebo, clamava: – Mata-me, mata-me! aqui há pouca vida já: basta que me ponhas o pé sobre o pescoço; esmaga assim o réptil venenoso que mordeu na tua família e que fez a tua desgraça e a de quantos o amaram. Sim, Carlos, sê tu o executor das iras divinas. Mata-me. Tantos anos de penitência e de remorsos nada fizeram; mata-me, livra-me de mim e da ira de Deus que me persegue. (GARRETT, 1992, p. 158).

NACIONALISMO OU PATRIOTISMO

Percebe-se que o artista romântico passa a idealizar tudo, as coisas não são vistas como realmente são, mas como deveriam ser segundo uma ótica pessoal. Assim a pátria é perfeita. Observe o fragmento da obra que enfatiza a exaltação à pátria, de forma exagerada, em que somente as qualidades são enaltecidas.

[...] Os olivais de Santarém, cuja riqueza e formosura proverbial é uma das nossas crenças populares mais gerais e mais queridas!... os olivais de Santarém lá estão ainda. Reconheceu-o o meu coração e alegrou-se de os ver; saudei neles o símbolo patriarcal da nossa antiga existência [...]. (GARRETT, 1992, p. 131)

Cá estamos num dos mis lindos e deliciosos sítios da terra: o vale de Santarém, pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cinta de faias belas e de loureiros viçoso. Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas coisas que nos faltam [...]. (GARRETT, 1992, p. 58).

O vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de tons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagine-se por aqui o Éden que

o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração. ((GARRETT, 1992, p. 58).

Nessas passagens do romance, nota-se que o artista se vê totalmente envolvido por paisagens exóticas, como se ele fosse uma continuação da natureza. Nesse sentido, nota-se a exaltação do nacionalismo e nativismo através da natureza, da força da paisagem. A analogia bíblica vem justamente para realçar essa exaltação.

O indivíduo deixa de ver-se como súdito de um rei e passa a ser o cidadão de uma terra unida, a pátria. É da união dessas duas ideias (o povo dotado de soberania e unido em uma nação) que nasce o ideal nacionalista.

IDEALIZAÇÃO

Mergulhado num mundo irreal, o escritor romântico recriava-o a seu modo, de tal forma que a natureza, a época e as pessoas passaram a ser idealizadas conforme os sonhos e as fantasias que o autor projetava. Almeida Garrett retrata muito bem a imagem da mulher que nas obras românticas é idealizada e vista como virgem, frágil, bela, submissa e inatingível. Percebe-se isso neste fragmento da obra:

Por mim, não conheço objeto mais lindo em toda a natureza, mais feiticeiro, mais capaz de arrebatá-lo espírito e inflamar o coração do que é uma jovem donzela quando a modéstia lhe faz subir o rubor às faces, e o pejo lhe carrega brandamente nas pálpebras... Pouco lume que tenha nos olhos, regular que seja o semblante, menos airoso que seja a figura, parecer-vos-à nesse momento um anjo. E anjo é a virgem modesta, que traz no rosto debuxado sempre um céu de virtudes... De alguma beleza sei eu cujos olhos cor da noite ou de safira (Dialec. Poet Vet.) cujas faces de leite e rosas, dentes de pérolas, colo de marfim, tranças de ébano (a alusão é sortida, há onde escolher) davam larga matéria a boas grosas de sonetos – no antigo regime dos sonetos, e hoje inspirariam miríadas de. Contando que não seja lira, que é clássico, todo o instrumento, inclusivamente a bandurra, é igual diante da lei romântica.” (GARRETT, 1992, p. 32 - 33).

A estética romântica assumiu uma feição anticlássica, proclamando a liberdade individual do artista (liberdade de criação), eximindo-o da necessidade de imitação dos clássicos greco-latinos. Há uma aproximação da linguagem coloquial. Partindo disso, observa-se que no final do trecho, Garret ressalta essa característica romântica.

Quem era essa mulher?

Aonde, como obtivera ele a posse dessa joia, desse talismã com o qual se tinha por tão seguro para não ver na graciosa prima senão?...

Senão o quê?

A inocente criança que ali deixara?(...) Podes responder-me da parte que tomará amanhã na tua existência a imagem da donzela que hoje

contemplas apenas com olhos de artista e lhe estás notando, como em quadro gracioso, os finos contornos, a pureza das linhas, a expressão verdadeira e animada? [...] (GARRETT, 1992, p. 111).

Observe ainda estes outros trechos:

Na maior paixão, no mais acrisolado afeto do homem que não é poeta, entra sempre o seu tanto de vil prosa humana: é liga sem que se não lava o mais fino de seu ouro. A mulher não; a mulher apaixonada deveras sublimase, idealiza-se logo, toda ela é poesia, e não há dor física, interesse material, nem deleites sensuais que a façam descer ao positivo da existência prosaica. (GARRETT, 1992, p.59).

[...] Os raios verdes de teus olhos faiscantes como esmeraldas, atravessaram o espaço e foram luzir no meio daqueloutros lumes que me cegavam. A estava brava, o tojo áspero da nossa charneca mandavam-me ao longe as exalações de seu perfume agreste, e matabam o suave cheiro do feno macio dessas relvas sempre verdes que me rodeavam. As folhas crespas, secas, alvacentas das nossas oliveiras como que me luziam por entre a espessura cerrada da luxuriante vegetação do norte, prometendo-me paz ao coração, anunciando-me o fim de uma peleja em que mo dilaceravam as paixões. (GARRETT, 1992, p. 202).

Os autores queriam dizer o que pensavam e o que sentiam e para isso não se limitavam às convenções árcades de uma poesia sóbria, racional e clássica. Deixaram de lado as formas fixas como o soneto, incentivando a mistura de gêneros. Desse modo, sobre Viagens na minha terra, é pertinente frisar que Garret

deixa marcas de uma posição romântica que se recusa a seguir modelos clássicos preestabelecidos.

PESSIMISMO

O pessimismo também é outro aspecto presente na obra. O artista se vê diante da impossibilidade de realizar o sonho do “eu” e, desse modo cai em profunda tristeza, angústia, solidão, inquietação, desespero, frustração. Muitos se suicidam na tentativa de resolver o problema.

[...] Ninguém mais soube a verdade senão eu – e tua infeliz mãe a quem o disse para meu castigo, a quem vi morrer de pesar e de remorsos, que expirou nos meus braços chorando por ele, e maldizendo-me a mim. Não seria bastante castigo, meu filho? Não foi, não. Este burel que há tantos anos me roça no corpo, estes cilícios que mo desfazem, os jejuns, as vigílias, as orações nada obtiveram ainda de Deus. A sua ira não me deixa, a sua cólera vai até à sepultura sobre mim... Se me perseguirá além dela!... (GARRETT, 1992, p. 162).

MÉTODO

A utilização da pesquisa exploratório-bibliográfica possibilitou ressaltar aspectos concernentes ao contexto histórico/literário em que

Viagens na minha terra foi produzido, com identificação de valores implícitos e pressuposições da época, enfatizando as características românticas que norteiam a obra e as intencionalidades/objetivos do autor ao empregá-las.

CONCLUSÃO

A livre expressão de sentimentos conferiu aos românticos a alcunha de sentimentalistas e individualistas, associando-os à manifestação de uma imaginação intensa, permeada pela atividade sonhadora.

Cabe salientar que o romantismo de Garrett consistia antes num hábito ou adesão às modas que numa tendência profunda de temperamento: no mais íntimo de sua visão de mundo, seria um homem clássico e muito moderado e frio para ser medularmente romântico. Em *Viagens na minha terra*, Garret deixa marcas de uma posição romântica que se recusa a seguir modelos clássicos preestabelecidos.

REFERÊNCIAS

GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*. São Paulo: FTD, 1992.

JUNIOR, Benjamim Abdala; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1960.

_____. *A literatura Portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, [2006].

SARAIVA, António José. *Iniciação à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2005.

Recebido em: 15 fev. 2013
Aprovado em: 12 abr.2013